

A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO INTERFACE PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LINGUAGEM

INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGY AS A PEDAGOGICAL INTERFACE IN LANGUAGE TEACHING

Márcia Lima Xavier¹

Silvia Regina Marques Jardim²

Resumo: O presente artigo propõe uma intervenção pedagógica que busque contribuir com a aprendizagem de leitura e escrita a partir dos estudos de linguagem dos/as alunos/as; estritamente de zona urbana, que estão cursando o 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental na rede pública. Sendo assim, levantamos o seguinte questionamento: De que forma o uso das TICs poderiam contribuir para uma aprendizagem significativa da linguagem a partir das mídias digitais? A metodologia utilizada partiu do levantamento bibliográfico culminando com uma proposta de intervenção pedagógica, a partir de atividades desenvolvidas com o apoio das mídias digitais por meio das redes sociais whatsapp, facebook e youtube. Partimos do pressuposto de que temos, nas mídias digitais, uma mola propulsora que pode atingir a tão sonhada educação atrativa e encantar os/as alunos/as na busca do seu conhecimento integral. Todavia, se estamos em um período extremamente tecnológico em que o avanço das ciências é motivado pela tecnologia que toma o mundo, ainda nos defrontamos com professores/as que apresentam dificuldades que vão desde interagir com as mídias digitais em suas práticas de ensino até as dificuldades diante das condições materiais das escolas públicas e também dificuldades em lidar com as desigualdades sociais do país. Apesar desse contexto e diante de um cenário que exige distanciamento social, foram elaboradas algumas atividades com o conteúdo de linguagem para serem aplicadas. É importante salientar que a proposta está suscetível a muitos impasses para sua aplicação, uma vez que vislumbramos as desigualdades sociais que compõem a clientela da rede pública de ensino e, por isso, dificuldades como a de acesso à internet e insumos de qualidade das tecnologias podem ocorrer, além da falta de adequação dos conteúdos ensinados com a realidade da turma. Outro fator preponderante que pode influenciar o insucesso dessa proposta são as lacunas na formação dos/as educadores/as.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Tecnologia; Linguagem.

Abstract: *This article proposes a pedagogical intervention that seeks to contribute to the learning of reading and writing from the language studies of students; strictly from urban areas, who are attending the 6th year of the Final Years of Elementary School in the public network. Therefore, we raise the*

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual da Bahia (UESB) Vitória da Conquista; pós-graduanda do Curso de Formação Docente e Práticas Pedagógicas-IFBA-Jequié; Professora do Sistema Municipal de Jequié-BA; Membro do grupo de pesquisa Formação do Professor Alfabetizador - PROALFA-UESB; e-mail: xaviermarcia841@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Araraquara (2011). Professora na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Campus de Vitória da Conquista; Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos sobre Gênero, Políticas, Álcool e Drogas - GePAD, do Museu Pedagógico da UESB; e-mail: silvia.jardim@hotmail.com

following question: How could the use of ICT contribute to a meaningful language learning from digital media? The methodology used started from the bibliographic survey culminating in a pedagogical intervention proposal, based on activities developed with the support of digital media through the social networks whatsapp, facebook and youtube. In digital media, we have a driving force for reaching the long-awaited attractive education, which enchants students in the search for their integral knowledge. However, if we are in an extremely technological period, where the advancement of sciences is motivated by the technology that takes over the world, a so-called "global village", we are still faced with teachers with immense difficulty in interacting with digital media in their teaching practices; for reasons ranging from digital ignorance, to the real difficulties motivated by the precarious conditions of public schools and the social inequalities in our country. Thus, some activities with language content were developed to be applied in times of social distance. It is important to note that the proposal is susceptible to many difficulties for its application, as we know about the discrepancy in social conditions of the public network clientele, therefore, difficulties such as access to the internet and quality inputs of technologies may occur, in addition to the lack of adequacy of the contents taught with the reality of the class. Another preponderant factor that can definitely influence the failure of this proposal is the lack of training and availability of educators.

Keywords: Teaching-learning; Technology; Language.

1. Introdução

*Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.
Ensinar exige compreender que a educação é uma
forma de intervenção no mundo.
Ensinar não é transferir conhecimento.
Paulo Freire*

Para Freire (1996), a educação é uma forma de intervir no mundo e ensinar exige essa compreensão a partir da convicção que somos capazes de fazer a mudança. Nesse sentido, dando continuidade ao pensamento de Freire (1996), Pereira (2017) afirma que, assim como outros segmentos da sociedade, os meios de comunicação são importantes para educar e socializar o indivíduo. Ele ressalta que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) promoveram mudanças significativas em nossas vidas, como por exemplo, o acesso às redes sociais whatsapp, facebook e youtube; para compras e vendas; acesso às notícias; diversão etc. Tudo feito por meio do uso do aparelho celular, que está cada vez mais moderno.

Do mesmo modo, estudos têm mostrado que as tecnologias da informação e comunicação são elementos muito importantes como apoio pedagógico, por proporcionar aprendizagem interativa entre aqueles que compõem a comunidade escolar, pois as mídias digitais há muito tempo estão presentes na vida das pessoas. É aí então, que vêm à tona as mídias digitais como formas de pensar propostas diferenciadas de ensino. De toda sorte, não temos a pretensão de sugerir uma proposta como modelo

de Educação a Distância (EAD) para as crianças da Educação Básica da rede pública de ensino, diante da desigualdade de direitos e de condições materiais de vida presentes em nossa sociedade. Entendemos que,

[...] por inúmeras razões, as crianças e os adolescentes em maior situação de vulnerabilidade ficam ainda mais prejudicados diante de uma situação de EAD se for considerada atividade regular e contada nos dias letivos, ampliando as desigualdades educacionais e sociais (PELLANDA, 2020, p. 14).

As argumentações de Pellanda (2020) corroboram com Soares e Santos (2012, p.3) quando afirmam que se integrar ao mundo tecnológico, midiático e informacional é quase uma exigência universal, mas isso tem acontecido “[...] de forma desigual, e até mesmo marginal, conforme as diferenças sociais, econômicas, políticas e culturais entre as regiões do planeta e do país, entre os grupos sociais e entre os indivíduos”. Ainda assim, essa integração tem sido realizada na prática do dia a dia de professores e alunos, às vezes por projetos concretizados nas escolas, alinhados ou não com as políticas públicas para a educação.

Em virtude disso, o que pretendemos, é propor atividades que possam promover o uso das redes sociais como interface pedagógica no ensino de linguagem, mais precisamente o uso das redes sociais como ferramentas educacionais complementares para o ensino de língua e linguagem. Ademais, entendemos que a escola não pode restringir a aprendizagem apenas a cumprir horários, tarefas e exercícios e, portanto, deve ir além do repasse formal de conteúdos e trabalhos, pois para ser pleno, o aprendizado precisa fugir da rotina escolar cotidiana.

Esta proposta foi pensada durante o curso de Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs), oferecido pelo departamento de Ciências Humanas da UESB de Jequié-BA, traz como problematização as dificuldades enfrentadas pelos alunos/as do 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental na compreensão dos conteúdos de linguagem a partir de suas variações, como recurso essencial para comunicação. Sendo assim, levantamos o seguinte questionamento: De que forma o uso das TICs poderiam contribuir para uma aprendizagem significativa da linguagem a partir das mídias digitais? O pressuposto é que a utilização das redes sociais como interface pedagógica pode se tornar um recurso para uma proposta de intervenção pedagógica que busque contribuir para a aprendizagem da leitura e da escrita dos/as alunos/as; estritamente de zona urbana, que estão cursando o 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental na

rede pública. O recorte para a zona urbana é por entender que na zona rural as desigualdades são mais evidentes e o acesso às redes de internet é mais escasso. Mas, também reconhecemos que na zona urbana, há muitas formas de vulnerabilidade social.

Zacharias e Campos (2015) fizeram uma reflexão sobre a união do currículo e das TICs a partir da pedagogia de projetos, buscando compreender sobre as formas de inserir as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) nas escolas de ensino público do Brasil, fazendo uma vinculação com a pedagogia de projetos para mostrar a possibilidade de incorporar as tecnologias digitais no currículo escolar. As autoras partiram da análise da unidade curricular Currículos, Projetos e Tecnologias do Curso Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TICs do Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (ProInfo Integrado) e concluíram que, para inserir as tecnologias da informação e comunicação (TICs) no universo escolar, e para que ela fizesse parte do currículo e do Projeto Político Pedagógico das unidades escolares de forma colaborativa, era necessário que os/as docentes estivessem engajados/as e em permanente formação, a fim de que pudessem mediar a construção dos conhecimentos de forma efetiva.

Partindo dessas considerações, é possível visualizar a aprendizagem mediada pelo computador, aparelho de celular, notebook ou tablet como uma oportunidade de interação comunicativa, como meio de refletir sobre o uso da linguagem e, conseqüentemente, do processo de aprendizagem a partir da constituição de um conhecimento colaborativo.

Logo, os objetivos específicos propostos são: elaborar procedimentos para que as crianças do 6º(sexto) ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental pratiquem os conteúdos de linguagem via computador, smartfone, notebook ou tablet em casa; utilizar os recursos das tecnologias da informação e comunicação para ensinar os conteúdos de linguagem do 6º(sexto) ano dos anos finais do Ensino Fundamental; conhecer os tipos de linguagem verbal, não verbal e mista e analisar as variedades linguísticas usadas nas redes sociais, como facebook, youtube e whatsapp. A escolha desses três tipos de redes sociais foi totalmente intencional, isto é, segundo Imme (2020) elas estão no ranking das redes sociais mais acessadas do Brasil, respectivamente como, primeiro, segundo e terceiro lugar.

É importante salientar a importância do uso do celular, objeto tão discriminado nos espaços escolares como veículo para aprendizagem. De acordo com Antônio

(2010), o celular oportunizou, nas escolas públicas, os recursos tecnológicos, antes tão escassos. E também, permitiu que os/as alunos/as tivessem acesso a estes recursos, uma vez que a própria escola pública não os tem.

Assim, nesta proposta de intervenção, buscamos tecer reflexões que permitem aos professores/as compreenderem a necessidade de inovação na prática pedagógica. E para tal, o texto desenvolvido adotou a internet como principal meio de acesso a materiais, como livros e artigos publicados na área da tecnologia e a construção de uma proposta de intervenção pedagógica para o estudo de linguagem por meio das redes sociais (facebook, youtube e whatsapp).

Entendemos, ainda que a relevância dessa proposta se dê por seu caráter inovador na prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa que pode proporcionar uma aprendizagem de Linguagem a partir do uso das TICs de forma construtiva e significativa para as crianças que habitam nas zonas urbanas e estão cursando o 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental de escolas públicas.

2. O Estudo das Linguagens e as Tecnologias

A cibercultura, tanto quanto quaisquer outros tipos de cultura são criaturas humanas. Não há uma separação entre uma forma de cultura e o ser humano. Nós somos essas culturas. Elas moldam nossa sensibilidade e nossa mente, muito especialmente as tecnologias digitais, computacionais, que são tecnologias da inteligência.

Lúcia Santaella

Distante dessa cibercultura, para os/as alunos/as, “[...] a escola resumida ao uso de antigas tecnologias e no discurso simples do professor transforma-se num ambiente desinteressante e monótono” (VIEIRA; GOMES, 2015, p.318). De acordo com Vieira e Gomes (2015), as crianças querem ser desafiadas e descobrir coisas novas, pois elas têm curiosidade para experimentar as tecnologias, mas diante de um educador/a passivo, demonstram-se insatisfeitas.

Por outro lado, os docentes demonstraram uma inquietação em relação às suas práticas pedagógicas e as modificações sofridas pelo cotidiano escolar, mas não sabem como agir. Salientam a dificuldade em acompanhar as transformações advindas com o uso das novas linguagens no cotidiano escolar e reconhecem a falta de uma formação para o uso dessas tecnologias, que os colocam ‘à margem’ do que se passa na realidade social’ (VIEIRA; GOMES, 2015, p. 318).

Corroboramos com os autores quando relatam as dúvidas e falta de habilidades em lidar com as mudanças tecnológicas dos/as docentes por falta de formação e de políticas públicas que contemplem amplamente as dificuldades da classe. Mas, por outro lado, ainda há muita resistência dos/as profissionais da educação em se atualizarem. Santaella (2003) chama a atenção para que entendamos como as tecnologias estão presentes nos avanços da sociedade.

Na medida em que as telecomunicações e os modos acelerados de transporte estão fazendo o planeta encolher cada vez mais, na medida mesma em que se esfumam os parâmetros de tempo e espaço tradicionais, assume-se, via de regra, que as tecnologias são a medida de nossa salvação ou a causa de nossa perdição (SANTAELLA, 2003, p.30).

Atualizar-se é preciso, caso contrário, ficaremos para trás. A sala de aula, da maneira como tem sido utilizada frente a essa nova realidade tecnológica, se tornou obsoleta. A cibercultura pode transformar as práticas pedagógicas de forma significativa e o uso das mídias digitais vem a ser um recurso útil para facilitar a comunicação das pessoas, além de favorecer a aprendizagem, a inclusão digital e educacional, se for utilizada como mediação da aprendizagem, para que haja progresso nos diversos processos de ensino-aprendizagem.

De acordo com Battes (2017), muitos ainda criticam o uso das mídias digitais para o ensino-aprendizagem e isso, para ele é um exagero, pois estes recursos podem ajudar no desenvolvimento da aprendizagem.

Defensores da aprendizagem experiencial frequentemente fazem muitas críticas à aprendizagem *online*, como argumento de que é impossível incorporar a aprendizagem com exemplos da vida real. Entretanto, isso é uma simplificação exagerada, e há contextos nos quais a aprendizagem *online* pode ser usada de forma eficaz para apoiar ou desenvolver a aprendizagem experiencial, em todas as variações (BATTES, 2017, p.140).

Por exemplo, enquanto recurso para o ensino de Língua Portuguesa, a aprendizagem *online* através dos computadores e dos aparelhos celulares como forma de acesso às redes sociais, pode facilitar que os/as estudantes compreendam que a linguagem é uma característica natural dos seres humanos na comunicação; que ela é universal e pode acontecer por meio de sons, gestos, imagens, expressões, palavras escritas e faladas; que a língua é o grupo de sinais, códigos, regras gramaticais,

vocabulário e outros requisitos próprios dos idiomas; que há a linguagem verbal escrita e a falada e que símbolos, imagens, desenhos, gestos e etc., são recursos da comunicação que representam a linguagem não verbal. Outro conhecimento importante, a saber, no estudo da linguagem se refere à adequação da fala, pois a depender do contexto social em que se encontra, o/a falante precisa estar ciente do uso da linguagem formal ou informal. Ou seja, a linguagem formal acontece quando é exigido o uso da linguagem padrão e a linguagem informal quando o falante recorre a expressões coloquiais. Também é preciso que o/a aluno/a entenda que existem ainda, as linguagens criadas para fins específicos, a exemplo da lógica matemática ou a informática.

Indo na direção contrária dos que criticam, Battes (2017) afirma que:

[...] cada vez mais, professores acreditam que a aprendizagem experiencial pode ser aplicada integralmente *online*, pela combinação de ferramentas síncronas como *web* conferências, ferramentas assíncronas como fóruns de discussão e/ ou mídias sociais para trabalhos em grupo, e-portfólios e multimídia para relatórios e laboratórios remotos para trabalhos com experimentos (BATTES, 2017, 140-141).

Nesse contexto, Kenski (2012) apresenta as redes, citando a *internet* como sendo o “espaço possível de integração e articulação de todas as pessoas conectadas com tudo que existe no espaço digital, o ciberespaço” (KENSKI, 2012, p.34). Observamos que há, entre o autor anterior e autora, similaridades de pensamentos com relação o uso da *internet* para articular a integração das pessoas, seja para estudar, ou seja, para outros fins.

Não há mais como negar a importância e influência das mídias digitais e o uso das tecnologias como ferramenta para ajudar a educação no Brasil a superar os obstáculos que impedem nossas crianças e adolescentes de se desenvolverem plenamente, como, por exemplo, aprender a leitura e a escrita.

[...] segundo Felippin (2004), uso da informática na educação tem como objetivo promover a aprendizagem do aluno, ajudando na construção do processo de conceituação e no desenvolvimento de habilidades importantes para que ele participe da sociedade do conhecimento. Esse uso é efetivo através de *softwares* educacionais capazes de tornar a prática do educador e do educando algo prazeroso (MORELLATO, 2006, p.3).

Esse prazer que a autora cita parece não estar mais presente nos corredores e nas salas de aulas da maioria das escolas brasileiras. Levando em conta o prazer de

aprender, lançar mão da interatividade pode possibilitar a construção de um conhecimento coletivo, a partir da cooperação mútua entre os conjuntos de indivíduos que participam de uma metodologia ativa. De acordo com Gemignani (2012, p.6) citando Freire (2006) a “metodologia ativa é uma concepção educativa que estimula processos construtivos de ação-reflexão-ação”.

[...] em que o estudante tem uma postura ativa em relação ao seu aprendizado numa situação prática de experiências, por meio de problemas que lhe sejam desafiantes e lhe permitam pesquisar e descobrir soluções, aplicáveis à realidade (GEMIGNANI, 2012, p.6).

Gemignani (2012) enaltece a importância da metodologia ativa, pois ela pode favorecer uma aprendizagem pela prática, com trabalho entre pares ou times. Isto é, aprendizagem colaborativa em que não se aprende sozinho, pois há o compartilhamento de ideias e resultados.

As tecnologias são ferramentas que hoje, estão à disposição do/a educador/a e estão presentes na vida das crianças e adolescentes. A ação docente presente na educação implica na finalidade de formação humana e profissional dos/as alunos/as. É, portanto, fundamental que a mídia, no processo de ensino-aprendizagem esteja presente na construção do conhecimento, pois desde o início da humanidade, o ser humano fez uso de recursos tecnológicos para descobrir, conhecer e construir. Os recursos tecnológicos instrumentalizam as pessoas no processo de desenvolvimento e as direcionam a novos meios de conhecer e se desenvolver. Reconhecemos a importância do conhecimento difundido pelas mídias digitais e os recursos tecnológicos em geral, contudo, é preciso reconhecer também, que pelo mesmo caminho se difunde a alienação e aprisionam os sujeitos em ideologias. O que diferencia a não alienação é o pensar sua intenção e objetivo, ter a mídia como meio para o saber e não deixar se seduzir por conotações que aprisionam este recurso, a mero entretenimento.

Por isso, para que haja a efetiva apropriação do espaço midiático como ferramenta para o ensino-aprendizagem, o/a professor/a precisa conhecer as dinâmicas intrínsecas às novas tecnologias; estar em sintonia com os acontecimentos mundiais para aprimorar e redimensionar a sua prática pedagógica, pois a prática pedagógica que gera rotina, monotonia, desinteresse, apatia, evasão escolar, repetência, deve ser repensada para que a apropriação do saber sistematizado, crítico, orgânico na escola seja um ato desejado pelos alunos. Isto acontece quando o/a professor/a consegue

transformar seu saber, acabado em uma situação-problema, propondo desafios para a turma.

3. Metodologia

Este estudo teve início no ano de 2013 no Curso de Extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB-BA). A proposta era parte da avaliação final do Curso de Tecnologias da Informação e Comunicação e Novas Práticas Pedagógicas no qual desenvolvemos a primeira proposta para intervenção na sala de aula, com auxílio da sala de informática da Escola Municipal Dr. Joaquim Marques Monteiro de Jequié-BA.

Com o evento da Pandemia do COVID-19, foram necessárias mudanças nas atividades, por causa do distanciamento social e, conseqüentemente, a suspensão das aulas. Também, por isso, dessa vez, não houve a participação de outros/as docentes na elaboração da proposta.

Para desenvolver este estudo, inicialmente, foi preciso um novo levantamento bibliográfico de livros e artigos referentes à tecnologia enquanto ferramenta para o ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de reelaborar uma proposta de intervenção pedagógica no ensino de linguagem, e todo material pesquisado teve relevância para a fundamentação do tema em questão. De acordo com Mascaro (2015, p.37):

[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, como livros de leitura corrente, livros de referência e publicações periódicas (jornais e revistas). Segundo o autor os periódicos constituem o meio mais importante para a comunicação científica, uma vez que possibilitam a comunicação formal dos resultados pesquisados e a manutenção do padrão de qualidade na pesquisa científica.

A pesquisa social requer envolvimento por parte do/a pesquisador/a e das pessoas envolvidas na situação investigada. E, entendendo a pesquisa como atividade básica para a construção e indagação da realidade, compreende-se que ela alimenta a atividade de ensino e se atualiza frente à realidade do mundo. Segundo Demo (1985), pesquisa é uma ação científica que permite evidenciar determinada realidade, contudo

esse desvelar não ocorre no âmbito da superficialidade. Assim, compreendemos “que a pesquisa é um processo interminável, intrinsecamente processual” (DEMO, 1985, p.13).

Após as leituras e seleção do material bibliográfico, a proposta de intervenção pedagógica para o ensino de linguagem em turmas de 6º ano dos anos finais do Ensino Fundamental de escolas públicas foi modificado para atender às necessidades atuais, utilizando como ferramentas as redes sociais (*facebook*, *youtube* e *whatsapp*) consideradas as mais utilizadas no Brasil.

Pensar em mídias digitais para o ensino de linguagem remete aos termos Metodologia Ativa: a aprendizagem pela prática, com trabalho entre pares ou times, para promover a autonomia e desenvolver a confiança das crianças e adolescentes, que podem vir a desenvolver um aprendizado tranquilo para resolução de problemas. Ao educador/a permite a qualificação, possibilitando o aprendizado do/a aluno/a, sendo o protagonista dessa prática, pois “a tecnologia é uma ferramenta e não o professor!” (MORTATTI, 2020).

O que deve ser levado em consideração nessa proposta, de acordo com Moran (2000), é que o/ aluno/a seja o centro da aprendizagem

Num processo de ensino, estará mais voltado para a aprendizagem do aluno, assumindo que o aprendiz é o centro desse processo e em função dele e de seu desenvolvimento é que precisará definir e planejar as ações. Esta concepção de aprendizagem há que ser vivida e praticada. Não basta ao professor apenas ter ouvido algumas conferências sobre o tema. Trata-se de uma ação contínua sua e de seus alunos, sabendo esperar, compartilhar, construir juntos. Entender e viver a aprendizagem como interaprendizagem (MORAN, 2000, p.168).

Por isso, para a aplicação da proposta antes de iniciar a intervenção, é necessário seguir alguns procedimentos:

- Cadastrar um grupo de *whatsapp* e *facebook* da escola e criar um blog da escola e um e-mail;
- Desenvolver atividades usando todos os recursos de comunicação como imagens, desenhos, símbolos, músicas, gestos, tom de voz, da linguagem não verbal;
- Criar mensagens para o *facebook*, *whatsapp*, e enviar via e-mail, utilizando as diversidades linguísticas;

3.1 Intervenções pedagógicas

Nesta proposta foram elaboradas quatro atividades de intervenção para serem aplicadas:

3.1.1 Os tipos de linguagens

- ❖ Solicitar que, em dia e hora marcados, os/as alunos/as assistam a uma vídeo-aula de 6 (seis) minutos, sobre língua e linguagem; <https://www.youtube.com/watch?v=VpcdVhQaKqc>
- ❖ Após a conceituação de língua e linguagem, propor que os/as alunos/as busquem, via pesquisa no *google*, imagens de situações que sejam do interesse deles/as e, após codificar as mensagens das imagens, escrever um parágrafo explicando o significado de cada imagem.
- ❖ Em outra atividade, solicitar que assistam a três vídeos no *youtube* sobre tipos de linguagem: Palavra puxa palavra-linguagem verbal e não verbal. <http://www.youtube.com/watch?v=Z-8b6l8Qklc>;
- ❖ Discutir, refletir e comparar os textos dos vídeos exibidos escrevendo no *facebook* da turma as suas impressões e fazer questionamentos sobre os vídeos: o que entendeu ou o que não entendeu e o que gostaria de saber mais?
- ❖ O/a professor/a deverá interagir no *facebook*, tirando as dúvidas, respondendo os questionamentos e também estimulando-os a discutirem.

3.1.2 A linguagem em ação

- ❖ Dividir a turma em grupos que formarão outros grupos de *whatsapp* para que, em parceria, respondam a atividade solicitada (a divisão dos componentes e temas será feita, através de sorteio gravado em vídeo e enviado aos estudantes, ou em chamada de vídeo via *whatsapp*);

- ❖ Sortear entre os grupos o tipo de linguagem que cada um vai trabalhar (desenhos, símbolos, músicas, gestos, texto escrito);
- ❖ Dar um tema (que será igual para todos/as) para que os grupos utilizem o tipo de linguagem sorteado para construir um texto compartilhado e que depois será postado no grupo de *whatsapp* da turma;
- ❖ Após as postagens, o/a professor/a fará um momento de discussões no grupo da turma para refletir quais as dificuldades encontradas na construção de cada texto e os pontos positivos e negativos de cada grupo.

3.1.3 Variedades linguísticas

- ❖ No *facebook*, apresentar o vídeo explicativo “Variedades Linguísticas” em dia e hora marcados; https://www.youtube.com/watch?v=Ot1Toar_Ldc;
- ❖ Cada discente da turma deverá pesquisar variedades linguísticas de acordo com as modalidades: condições sociais, regionais e históricas; de alguns lugares do Brasil;
- ❖ Após a pesquisa, produzir um texto coletivo no blog da escola. (*ejmarques.blogspot*) apresentando as modalidades observadas;
- ❖ Todas as produções escritas serão anexadas no *blog* da escola (*ejmarques.blogspot*).

3.1.4 Linguagem da *internet*

- ❖ Utilizar trechos das conversas dos/as alunos/as no *whatsapp* e *facebook* e no *blog* para analisar a linguagem que as pessoas usam quando estão interagindo nas redes sociais;
- ❖ Fazer uma lista com palavras do vocabulário da Língua Inglesa utilizadas nas mensagens dos *sites* de relacionamento e questionar os alunos sobre os motivos do uso dessas palavras nas redes sociais, levantando uma discussão sobre a influência da Língua Inglesa na Língua Portuguesa;

- ❖ Pesquisar a influência da Língua Inglesa na Língua Portuguesa a partir dos nomes de estabelecimentos comerciais, alimentos, modalidades de jogos, nomes de pessoas e etc.;
- ❖ Visitar *sites* de autores, blogs ou bibliotecas virtuais para desenvolver leituras; e fazer comparações com a linguagem utilizada nas mensagens;
- ❖ Copiar trechos das mensagens dos grupos no *whatsapp* e *facebook* e pedir que transcrevam as mensagens na linguagem não verbal e em uma variedade regional diferente no *blog*.

3.1.5 Critérios de avaliação

- ❖ A avaliação das atividades ocorrerá durante todo o processo de seu desenvolvimento, envolvendo a observação direta da atuação e participação dos/as estudantes nas atividades propostas;
- ❖ Integrantes da turma onde a proposta será aplicada deverão avaliar as atividades escrevendo no *blog* suas opiniões, relatando os pontos positivos e negativos dos textos dos colegas.

Esses procedimentos avaliativos devem estar pautados no diálogo, segundo Moran

(2000):

[...] há que se desenvolver um registro de todos os aprendizes, de forma pessoal e sintética, mas que permita um diálogo e um acompanhamento sobre o processo de aprendizagem como um todo, e não apenas em cada atividade isoladamente. Uma ficha individual de nossos alunos com os registros de seus avanços, paradas, retrocessos ou dificuldades, em cada uma das atividades previstas e no conjunto do trabalho que se vem desenvolvendo é fundamental. (MORAN, 2000, p. 166).

4. Resultados parciais

De acordo com Maciel (2012, p.13), as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) se utilizam “[...] de diferentes mídias de armazenamento, redes e recursos eletrônicos para o processamento, armazenamento e disseminação de informações, com propósitos educacionais”. É nesse propósito que o projeto de

intervenção aqui apresentado sugere algumas atividades para que sejam articuladas como exercícios complementares à aprendizagem de linguagem, mas entendemos que:

Ensinar a distância não se equivale a ensinar presencialmente. Apesar do avanço da educação a distância no ensino superior, muitas instituições de ensino, inclusive neste nível, não estão familiarizadas com o uso dessas ferramentas tecnológicas, nem com as metodologias envolvidas na EAD, o que pode acabar criando dificuldades e prejuízos aos estudantes. Esse é um desafio presente mesmo em países com alto grau de disseminação das tecnologias de comunicação, como os Estados Unidos, como relata reportagem da NPR (em inglês) (PELLANDA; 2020 p.17).

Diante da ineficiência das políticas públicas para o acesso à *internet* de forma igualitária, fica difícil apostarmos no ensino EAD, ensino remoto ou *online*, uma vez que as pessoas oriundas das camadas populares têm dificuldades de adquirir computadores, *smartphones*, por exemplo. Não podemos esquecer, também, das dificuldades de adaptação às mídias digitais.

Não podemos esperar que todos se adaptem repentinamente a estes novos tempos. Sabemos dos inúmeros problemas de conexão à Internet, mas é um ótimo momento para nos reinventarmos e criarmos coragem de testar o uso de ferramentas tecnológicas já disponíveis para estruturarmos alternativas no formato de educação à distância. Pensar fora da caixa pode ajudar a mitigar o problema momentâneo, como também colaborar para fortalecer a cultura digital e avançar rumo a uma nova educação, como há bastante tempo já temos discutido (ALLAN, 2020).

Tão importante quanto o acesso (cidadania digital) e a adaptação de todos/as que fazem parte dessa rede de aprendizagem, é o compromisso ético. Esse início de Terceiro Milênio tem trazido à sociedade a questão da ética no uso das tecnologias de forma muito contundente. Principalmente, diante da atual política de disseminação de *fake news* (notícias falsas), sendo o *whatsapp* uma das maiores redes disseminadoras. É preciso estar atentos/as na orientação dos/as estudantes para que investiguem o que é verdade ou mentira e percebam que não é ético reproduzir informações que não sejam de fontes verdadeiras. Moran (2000) chama a atenção do/a docente, enfatizando a importância dessa orientação:

o aluno deve ser alertado para o fato de que, para acessar a Internet, precisa ter criticidade, precisa saber o que está procurando, para não correr o risco de perder muito tempo navegando, explorando, sem encontrar com objetividade as informações necessárias ao desenvolvimento do projeto. Nem tudo que se apresenta na Internet tem uma qualidade apurada, mas a grande maioria das páginas (*home pages*) e dos *links* possui informações relevantes e significativas (MORAN, 2000, p.114).

Essa preocupação com a ética também nos leva para o primeiro ponto de partida para a execução da proposta: a criação das redes sociais da escola, que dependerá da autorização da direção da escola, além da solicitação dos documentos que permitem a exposição de dados e fotos. Neste caso, a escola para qual foi feita a proposta, oferece, na matrícula, a oportunidade dos pais e das mães decidirem se autorizam a publicação de imagem dos/as filhos/as nos eventos da escola e nas outras atividades que necessitem dessa autorização.

Nessa “aldeia global” termo usado por Marshal McLuhan, nos anos 1960, ainda nos defrontamos com professores com dificuldades de interagir com as mídias digitais em suas práticas de ensino, por razões diversas que vão desde o desconhecimento digital até as dificuldades motivadas pelas condições precárias das escolas públicas do nosso país.

Como podemos observar, muito há que se cuidar para a execução de uma proposta que envolvam as mídias digitais no dia-a-dia das atividades escolares. Porém, parafraseando Soares e Santos (2012), é importante lembrarmos que as tecnologias estão nas escolas e, atualmente, o aparelho celular é a ferramenta mais utilizada para o acesso às redes sociais. No entanto, educadores/as não podem esquecer que existem outros meios de acesso à tecnologia que ainda estão presentes no ambiente escolar.

(...) os bilhetinhos, os cartazes, os livros, os desenhos, a fofoca, as provas, a caligrafia, o grafite, o autofalante, o lápis e o caderno, o giz e o quadro negro, as tintas e os pincéis, os recados na porta dos banheiros, os cochichos, a cola, a pichação, os murais (SOARES; SANTOS, 2012, p.6).

Por tudo isso, Moran (2000) reconhece na era digital uma nova maneira de categorizar o conhecimento, o que não significa dizer que temos que deixar de fora o que temos utilizado até aqui no ensino de linguagem, tampouco devemos usar indiscriminadamente os recursos tecnológicos, sem critérios. Devemos pensar esses recursos como ferramentas nos processos de construção metodológicas que deem significado ao ato de aprender.

5. Considerações

Compreendendo a mídia nas relações sociais, não podemos ignorar sua presença em nosso cotidiano e no processo de ensino-aprendizagem na contemporaneidade. Sua influência enfatizada nas diversas discussões permeiam todos os aspectos da formação humana e na construção do conhecimento cultural.

O projeto de intervenção, sugestão para o ensino de linguagem nessa época de pandemia nos mostra que podemos, por meio do uso das tecnologias, atuarmos em prol de melhores ações humanas seja na educação ou qualquer esfera da nossa sociedade, e dessa forma, promovermos transformações necessárias em nosso cotidiano.

É importante salientar, entretanto, que a proposta está suscetível a muitas impasses para sua aplicação, pois sabemos da discrepância de condições sociais da clientela da rede pública, por isso, dificuldades como a de acesso à *internet* e a de insumos de qualidade das tecnologias podem ocorrer, além da falta de adequação dos conteúdos ensinados com a realidade da turma. Outro fator preponderante que pode influenciar para o insucesso dessa proposta é a falta de formação dos/as educadores/as.

Segundo Moran (2000) verifica-se a urgência em educar o/a educador/a se relacionar de forma mais aberta e participativa com o ensino e a aprendizagem, levando em consideração ritmos e habilidades específicas dos alunos. Vê-se então, a necessidade de um novo olhar para as práticas pedagógicas vigentes em busca de mudanças a partir do contexto promissor e facilitador das tecnologias e da *internet*.

Para isso, é importante que os/as professores/as construam novos olhares sobre as práticas pedagógicas mediadas pelas tecnologias. No entanto, também é necessário que o sistema educacional promova esta informação/formação no contexto educacional.

Referências

ALLAN, Luciana. Como a tecnologia pode ajudar nossas escolas a vencer o Coronavírus?Exame. São Paulo 18/03/2020 às 09h47 - Alterado em: 18/03/2020 às 11h52 Disponível: <https://exame.com/blog/crescer-em-rede/como-a-tecnologia-pode-ajudar-nossas-escolas-a-vencer-o-coronavirus/> Acesso 15 de maio de 2020.

ANTONIO, José Carlos. Uso pedagógico do telefone móvel (Celular), Professor Digital,SBO, 13 jan. 2010.

Disponível em: <http://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/usopedagogico-do-telefone-movel-celular/>. Acesso em: 24 de agosto. 2017.

BATES, Tony. Educar na era digital [livro eletrônico]: design, ensino e aprendizagem/ A.W. (Tony) Bates; [tradução João Matar]. –1. Ed. – São Paulo: Artesanato educacional, 2017. – (coleção tecnologia educacional; 8)

DEMO, Pedro. Introdução a metodologia da ciência. 2ª Ed. São Paulo. Atlas, 1985.

GEMIGNANI, Elizabeth Yu ME Yut. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. Revista Fronteira das Educação [online], Recife, v. 1, n. 2, 2012. ISSN: 2237-9703. Disponível em: <<http://www.frenteirasdaeducacao.org/index.php/fronteiras/article/view/14>>. Acesso 15 de maio de 2020.

IMME, Amanda. Ranking das redes sociais: as mais usadas no Brasil e no mundo, insights e materiais gratuitos. Blog de Marketing Digital de Resultados Disponível: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso: 15 de maio de 2020.

KENSKI, V. M. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ALINE, professora. LÍNGUA e LINGUAGEM - Fácil de Aprender – Publicado pelo canal Português-on-line Professora Aline. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=VpcdVhQaKqc> Acesso: 15 de maio de 2020.

LINGUAGEM verbal/não verbal. Publicado pelo canal Palavra puxa palavra. Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=Z-8b6l8Qklc> Acesso: 15 de maio de 2020.

MACIEL, Cristiano (Org.). Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Cuiabá: EdUFMT, 2013.P.221-236

MASCARO, Sofia de Amorim. Tipologias de projetos de pesquisas em métodos mistos: análises classificatórias da teses de doutorado dos programas de Pós-graduação em Geociências no Brasil. – Rio Claro, 2015, 243. Disponível. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/132814> Acesso: 18 de maio de 2020.

MORAN, José Manuel. M. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias. Revista Interações, São Paulo, 2000. vol. V, p.57-72 Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>>. Acesso em: 05 abr. 2012.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marco; BEHRENS Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica - Campinas, SP: Papirus. 2000. - (Coleção Papirus Educação). Disponível:

http://www.papirus.com.br/livros_detalhe.aspx?chave_livro=2654 Acesso: 15 de maio de 2015.

MORELLATO, C. et al. Softwares educacionais e a Educação Especial: refletindo sobre aspectos pedagógicos. Novas Tecnologias na Educação CINTED-UFRGSV. 4 N° 1, Julho, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo Métodos de alfabetização e Projetos para a Nação - II: Brasil, 1980-2020. Publicado por Bárbara Cortella. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=phPawAjRICU> Acesso: 06 de maio 2020.

FREIRE, Paulo Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

PELLANDA, Andressa (org). Guia COVID-19, Educação e proteção de crianças e adolescentes. Tomadores de decisão do poder público em todas as esferas federativas. Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2020. Disponível: <https://plan.org.br/covid-19-guias-reunem-medidas-pela-protECAo-e-educacao-de-criancas-e-adolescentes/>. Acesso: 05 de maio de 2020.

PEREIRA, Silvio da Costa. Mídia-educação no contexto escolar: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis. UFSC. Disponível bem: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt16-4061-int.pdf> , acesso: 25/08/2017.

SANTAELLA, Lúcia. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 22 • dezembro 2003. p.30.quadrimestral.Disponível em:<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>, acesso: 25 de agost. De 2017

SOARES, Conceição. SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda. Libâneo, José Carlos. Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Editora Cortez, 2012. (pgs 308-330).

VIEIRA, Maria José Pestana; GOMES, Edson de Freitas. O uso dos recursos tecnológicos no ensino de língua portuguesa um estudo de casos na escola Santino Torres do Rio Mararú em Gurupá. ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA.

Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131. Disponível: <http://www.coloquioletras.ufpa.br/downloads/ii-coloquio/anais/305-maria-jose-pastana.pdf>. Acesso: 15 de maio de 2020.

ZACHARIAS, Jéssica; CAMPOS, GHB de. TIC E CURRÍCULO – UMA CONJUGAÇÃO POSSÍVEL. Revista Novas tecnologias na Educação, vol.13. nº2 .2015. Disponível: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/61430>. Acesso: 15 de maio de 2020